

O papa de todas as fés

Três Poderes marcarão presença no funeral

Além de Lula, chefes do Congresso e do STF embarcam amanhã para velório de Francisco

» VICTOR CORREIA

A comitiva brasileira que participará do funeral do papa Francisco, em Roma, terá, além do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, os presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP); da Câmara, Hugo Motta (Republicanos -PB); e do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Luís Roberto Barroso. Dessa forma, os Três Poderes estarão representados por suas autoridades máximas.

O Palácio do Planalto começou ontem a enviar convites, incluindo na lista ministros de Estado e parlamentares. De acordo com interlocutores da Presidência, Alcolumbre, Motta e Barroso confirmaram presença. Outras participações esperadas no velório são a ex-presidente da República e presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), Dilma Rousseff, e o assessor especial da Presidência para assuntos internacionais, embaixador Celso Amorim.

Lula fez questão de alterar a agenda para participar do funeral. Ele cancelou eventos em



Há quantos anos existe a Igreja Católica? Dois mil anos? E pela primeira vez (tivemos) um papa latino-americano? Na região mais católica do mundo? Algo está errado?

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

Rondônia e no Pará, marcados para quinta e sexta-feiras, respectivamente. O presidente será acompanhado pela primeira-dama Janja da Silva. O embarque para Roma está previsto para as 22h de amanhã, da Base Aérea de Brasília.

Segundo divulgado pelo Vaticano, a Missa Exequial para o papa Francisco será no sábado, às 10h (5h no horário de Brasília), na Basílica de São Pedro, dentro do próprio enclave. Em seguida, o corpo será levado em precisão até a Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, onde o pontífice decidiu ser enterrado. Lula e seus convidados voltam para o

Brasil assim que a cerimônia acabar, ainda no sábado.

Os ritos fúnebres para papas incluem a presença de chefes de Estado e líderes de todo o mundo. Já confirmaram presença os presidentes Donald Trump (Estados Unidos), Javier Milei (Argentina) e Volodymyr Zelensky (Ucrânia); o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, entre outros.

A morte de Francisco foi assunto no Palácio do Planalto ontem. Em conversa reservada com jornalistas, ministros lamentaram o fato e demonstraram preocupação com a sucessão do pontífice, que foi conhecido por suas

decisões progressistas e inclusivas no comando da Igreja Católica. Um auxiliar de Lula disse torcer para que o próximo papa mantenha o legado de Francisco.

O chefe do Executivo também comentou o tema durante o dia — a agenda foi dedicada, principalmente, à visita do presidente do Chile, Gabriel Boric, a Brasília.

“Há quantos anos existe a Igreja Católica? Dois mil anos? E pela primeira vez (tivemos) um papa latino-americano? Na região mais católica do mundo? Algo está errado”, comentou Lula, durante declaração conjunta à imprensa ao lado de Boric.

Pouco depois, ao chegar ao Palácio do Itamaraty para um almoço oferecido ao chileno, o petista voltou a citar o pontífice, ao criticar a política comercial de Trump. “O mundo precisa voltar a uma certa normalidade. O mundo não pode ser induzido à raiva, ao ódio, ao preconceito, à perseguição. Não tem lógica. Eu espero que, com a morte do papa Francisco, isso possa representar algum sinal de que os seres humanos precisam mudar para melhor”, frisou.

Evanisto Sa/AFP



Lula com Boric: “Você não quer guerra fria, e eu não quero guerra fria. Eu não quero fazer opção entre Estados Unidos e China”

Defesa da união regional contra Trump

» VICTOR CORREIA
» EDUARDA ESPOSITO

O presidente Lula recebeu ontem o presidente do Chile, Gabriel Boric, para uma série de compromissos em Brasília. Os dois participaram de reuniões juntos e assinaram 13 acordos de cooperação entre os países.

Em discurso, tanto Lula quanto Boric criticaram a política comercial do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e defenderam que os países latino-americanos devem aprofundar suas relações frente a um cenário externo incerto.

O chileno foi recebido com honras no Palácio do Planalto pela manhã, passando as tropas em revista e subindo a rampa que leva ao segundo andar, onde foi recebido por Lula e seguiu para o gabinete presidencial.

Foram duas reuniões: uma a sós e outra com a presença de ministros dos dois países. Após a agenda, eles fizeram uma declaração conjunta à imprensa, praxe em visitas oficiais. Lula defendeu em seu discurso que países da América Latina devem manter relações tanto com os Estados

Saiba mais

Rota Bioceânica de Capricórnio

Os 13 acordos de cooperação são em áreas como justiça e segurança pública, defesa, ciência e tecnologia, cultura, pesca e aquicultura, agricultura, pecuária e inteligência artificial. Um dos principais temas das conversas foi a construção da Rota Bioceânica de Capricórnio, projeto capitaneado pelo Brasil para ligar o

Atlântico ao Pacífico com uma série de rodovias, passando por Argentina, Paraguai e chegando ao Chile. Um dos grandes benefícios do projeto é o acesso ao Pacífico e, consequentemente, melhor logística para a compra e venda de produtos da Ásia — como da China. O governo federal pretende concluir as obras até 2026.

Unidos quanto com a China, mas voltou a criticar Trump.

“Você não quer guerra fria, e eu não quero guerra fria. Eu não quero fazer opção entre Estados Unidos e China. Eu quero ter relações com os Estados Unidos e quero ter relação com a China. Eu não quero ter preferência sobre um ou sobre outro”, comentou o chefe do Executivo brasileiro, dirigindo-se a Boric. “Quem tem de ter preferência são os meus empresários que querem negociar. Os meus empresários, mas eu não. Eu quero

vender e comprar”, acrescentou.

O endurecimento das tarifas adotadas por Trump reabriu a discussão sobre a aproximação de países da América Latina com a China. Além das taxas, o republicano sinalizou que vai aumentar a intervenção na região, fazendo ameaças ao regime de Nicolás Maduro, na Venezuela, e causando crises pela deportação de imigrantes.

Lula não fala em distanciamento dos Estados Unidos, mas vem defendendo que a região, incluindo o Caribe, precisa intensificar o

comércio interno e procurar outros parceiros externos.

O petista também convidou Boric para participar da cúpula do Brics em julho, no Brasil, e disse que o chileno deveria ir à cúpula China-Celac, em maio. Também defendeu que Boric precisa se aproximar do país asiático.

“Vamos tentar ver se a gente consegue, com a amizade do Celso (Amorim) na China, que você tenha uma bilateral com o (presidente) Xi Jinping para você mostrar que um país não é grande pela sua extensão territorial, mas é grande pelo dinamismo da sua política, da sua cultura, do seu povo. E o Chile tem muito de grandeza”, comentou Lula.

Boric também é crítico do tarifaço imposto por Trump. Em seu discurso, ressaltou ser contra uma guerra comercial e defendeu que a região deve manter a sua autonomia frente a um cenário incerto na geopolítica. Boric afirmou, ainda, que Brasil e Chile são “países amigos” e vão continuar trabalhando juntos.

Ambos participaram de um almoço no Itamaraty e de um fórum de empresários do Brasil e do Chile na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez



Líder do União Brasil desiste de ser ministro e fragiliza governo Lula

O Arquipélago de Abrolhos é um tesouro natural localizado na costa da Bahia. São cinco ilhas principais e muitos pequenos recifes à flor da água, um santuário marinho de incrível biodiversidade e beleza cênica, frequentado por baleias-jubartes em lua de mel. Seu nome tem origem nos perigos dos corais e rochas submersas, que dificultam a navegação e já causaram muitos naufrágios.

O nome Abrolhos veio de uma anotação da carta de navegação de Américo Vespúcio. Quando, em 1503, passou por essa região, escreveu: “Quando te aproximares da terra, abre os olhos”. Um dos naufrágios aconteceu com o padre José de Anchieta (*José de Anchieta – Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões* (Ed. Universidade de São Paulo)).

O jesuíta viajava em companhia de outros padres, de Salvador para São Vicente, em duas naus. Na noite de 20 para 21 de novembro de 1560, uma tempestade surpreendeu a missão nos Abrolhos. A embarcação de Anchieta ficou bastante danificada e a de Leonardo Nunes, outro sacerdote, foi inteiramente perdida.

Outros naufrágios foram registrados no arquipélago: Loide 19, em 1950; Stachound, em 1943; Rosalina, em 1939; Arthemis, em 1932; Santa Catarina, em 1914; Elmete, em 1895; Nossa Senhora dos Prazeres Menor, Prinz Willem, Provintie van Uytrecht, Santa Rita, Santiago, Santo Antonio de Pádua e São João Baptista, em 1631. Afundado pelos ingleses na Primeira Guerra Mundial, o navio alemão Santa Catarina, achado há apenas sete anos, virou um dos pontos de mergulho mais populares do país.

Diria um navegante português: mas que raios isso tem a ver com o líder do União Brasil, deputado Pedro Lucas (MA), que não aceitou o cargo de ministro das Comunicações do governo Lula? O parlamentar do Centrão chegou a ser anunciado pela ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, como substituto de Juscelino Filho (União-MA), que pediu demissão da pasta após ser denunciado pela Procuradoria-Geral da República (PGR), por desvio de recursos de emendas parlamentares ao Orçamento da União.

O episódio é um aviso ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva de que precisa abrir bem os olhos, porque seu governo é um arquipélago político que perde poder de atração. Os políticos aliados do Centrão temem um naufrágio eleitoral nas eleições de 2026. Esse sintoma explica o desinteresse em fazer parte da equipe ministerial, por exemplo, dos ex-presidentes da Câmara Arthur Lira (PP-AL) e do Senado Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

A presença de Lira e Pacheco no governo seria natural depois de deixarem os respectivos cargos. Entretanto, nenhum dos dois foi formalmente convidado por Lula, ao contrário de Pedro Lucas, que chegou a aceitar o convite. Indicado pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), porém, o parlamentar foi pressionado pela bancada da Câmara e pelo presidente da legenda, Antônio Rueda, a não aceitar o cargo.

Uma esnobada dessa ordem corrobora a analogia com Abrolhos: a Esplanada está fragmentada, com os ministros aliados cada um cuidando do seu quintal, sem compromisso com a coesão do governo e a sua governabilidade. Não se trata nem de compromisso com o projeto de reeleição do presidente Lula, é com a governabilidade.

Pré-candidatos

Lula pode considerar desrespeitoso o comportamento de Pedro Lucas, mas o fato é que a legenda tem um pré-candidato à Presidência: o governador Ronaldo Caiado, de Goiás. Apesar de o União Brasil ocupar três ministérios (Comunicações, Integração e Desenvolvimento Regional e Turismo), o gesto de Pedro Lucas mostra que o partido está se afastando cada vez mais do governo. Muito embora o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, que havia indicado Pedro Lucas, seja um aliado de Lula.

Lula também precisa abrir os olhos em relação ao PSD, que vai pelo mesmo caminho, seja ou não o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato à Presidência. O governador do Paraná, Ratinho Junior (PSD), já tem o compromisso de Gilberto Kassab, presidente do PSD, de que terá legenda para concorrer contra Lula em 2026.

A propósito, o Instituto Paraná Pesquisas, que presta ao PL, divulgou nova pesquisa ontem, na qual o ex-presidente Jair Bolsonaro, que está inelegível, lidera a disputa pela Presidência em 2026 em todos os cenários. A longa hospitalização e o noticiário sobre a sétima cirurgia que fez, em consequência da facada que levou na campanha eleitoral de 2018, podem ter influenciado o resultado, porém, as demais pesquisas confirmarão ou não.

O fato é que Bolsonaro registra 38,5% das intenções de voto, contra 33,3% de Lula. Ciro Gomes (PDT) surge em terceiro, com 9,7%. Em um eventual segundo turno, o ex-presidente ampliaria sua vantagem sobre o petista: 44,4% contra 38,8%. Quando o nome testado é o do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), ele marca 27,3%, ficando atrás de Lula, com 34,0%. Já o governador do Paraná, Ratinho Junior (PSD), atinge 16,2% — distante do petista, que aparece com 33,3%. A margem de erro do levantamento é de 2,2 pontos percentuais, para mais ou para menos.